

Do restauro como ciência, como técnica e também como arte criadora e de como os seus autores se têm que humildemente apagar

[Desdobrável]

Por Nuno Teotónio Pereira

A campanha de obras de que foi objecto nos últimos anos o Palácio Fronteira atesta com clareza a grande maturidade atingida hoje pela escola portuguesa de restauro e reabilitação de edifícios históricos - situação que contrasta com o empirismo, o carácter aleatório e até a influência de preconceitos historicistas com que foram intervencionados ainda há meio século entre nós muitos monumentos.

Em primeiro lugar, deve salientar-se a importância da pesquisa histórica para o entendimento do percurso temporal do palácio nas suas várias componentes e expressões artísticas. Embora as obras que foram realizadas se enquadrem nos limites restritos da conservação e restauro, elas inscrevem-se numa linha evolutiva de adições, alterações e benfeitorias que seria irresponsável não tomar hoje em conta ao intervir num edifício emblemático da arquitectura civil portuguesa que - caso raro - atravessou séculos em continuidade de uso e até de propriedade.

Em segundo lugar, é de chamar a atenção para o carácter pluri-disciplinar das intervenções - e poucos se prestariam tão bem a uma brilhante demonstração de como um edifício se foi enriquecendo com os contributos de sucessivas épocas, testemunhando a evolução do gosto na traça arquitectónica e nas artes decorativas. Foi assim que os trabalhos de restauro puderam agregar um tão variado leque de especialistas nos diferentes domínios, desde a estrutura à azulejaria, dos estuques ornamentais à arte dos jardins. Percebe-se no entanto que, a par da visão de conjunto assegurada pela arquitectura, cada disciplina não agiu isoladamente, porquanto se orientou por uma leitura espaço-temporal do monumento que terá servido de pano de fundo para cada intervenção sectorial. Isto certamente estimulado pelo próprio edifício e o respectivo entorno que, no seu conjunto, constituem uma soberba lição de integração das artes. Porque, se a intervenção disciplinar pressupõe uma especialização no saber fazer, exige ao mesmo tempo uma visão mais abrangente ao nível superior do próprio saber.

Mas ainda uma outra conclusão se retira desta campanha de obras: é o trabalho competente, porque meticuloso mas ao mesmo tempo criador executado pelos seus autores, artificiais e responsáveis. Quando se fala em restauro é frequente pensar-se que se trata de uma actividade que exige uma cultura erudita e o domínio das técnicas de um dado ramo das artes, mas subentendendo uma atitude passiva, aplicada na reprodução mecânica de réplicas. Mas esta é uma visão redutora e que não corresponde à realidade, pois que há opções a tomar, apostas a fazer, riscos a correr - o que não se consegue sem uma actividade criadora impulsionada pelos sentidos, pela imaginação e pelas emoções.

É exactamente neste contexto que avulta uma característica bem própria deste tipo de actividade e que aparece como uma contradição: um trabalho criador que é realizado, mas em que os seus autores se apagam ao ponto de procurarem não deixar a sua marca, nem sequer vestígios do seu labor. Ao percorrer as salas do Palácio Fronteira, para quem não conhecesse o edifício antes da intervenção, com as patologias e as mazelas provocadas pelo tempo e pelo uso, parece que tudo aquilo nunca terá deixado de ser assim e que o edifício atravessou incólume os séculos sem que quaisquer mãos agora lhe tivessem tocado. É também este apagamento que faz a grandeza dos componentes e conscienciosos obreiros que cuidam do nosso património.

1999